

JOSÉ MARINHO

## *Teoria do Ser e da Verdade*

(1961)

*Teoria do Ser e da Verdade* surge como um livro estranho em confronto com longamente meditada, sucessivamente reescrita em versões mais depuradas, a obra apresentada-se como uma «ontologia pura», estruturada pelo «pensamento puro» de um sujeito indefinido, não já propriamente o autor do escrito, mas «aquele que pensa», envolvendo assim o leitor numa experiência concomitantemente ontológica e hermenêutica. Confrontada com o pensamento moderno e contemporâneo, ela surge como «ontofenomenologia»: «Não concebemos apenas ontologia ao modo clássico, como teoria especulativa sobre o ser. Por ontofenomenologia entendemos o próprio processo do ser e da verdade na cisão aberta, quer quando se cindem no trânsito para a cisão extrema, processo mais atual mas sempre atual da razão humana, quer quando, ao mesmo tempo, transitam e recorrem para o que chamamos insubstancial substante – novo nome do Espírito e da Liberdade Divina. Empregamos os termos ontologia e ontofenomenologia na mais alta aceção. Abrangem, pois, com rigor, tanto a *Ética* como a *Monadologia*, o luminoso fundo e forma do pensamento de Berkeley, os pressupostos ontoteológicos da filosofia da cisão de Kant (o termo ontoteologia é usado aliás pelo filósofo alemão), a odisseia espiritual de Schelling, a *Fenomenologia do Espírito*, e o que de tudo deriva sob várias formas até nossos dias» («Dialética e Dianóia», *Espirital*, n.º 10, verão de 1966.)

Momento de saber absoluto, ela solicita um entendimento compreensivo do intérprete que apela à inteligência e à imaginação, pela qual o pensamento acede ao sentido do oculto ou velado da verdade inerente a todo o ser. Na sua «viagem insituada», o hermenauta ontólogo descobre uma «via remotíssima», via «ao mesmo tempo fácil e difícilima em sua subtileza, ao mesmo tempo e sempre revelada e oculta, [que] permanece aberta para todos os homens e todos os seres. Uns a seguem livres, outros forçados por o que é, para estes, ne-